

O SÉCULO CÓMICO

SUPLEMENTO HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Director: AGACIO DE PAIVA

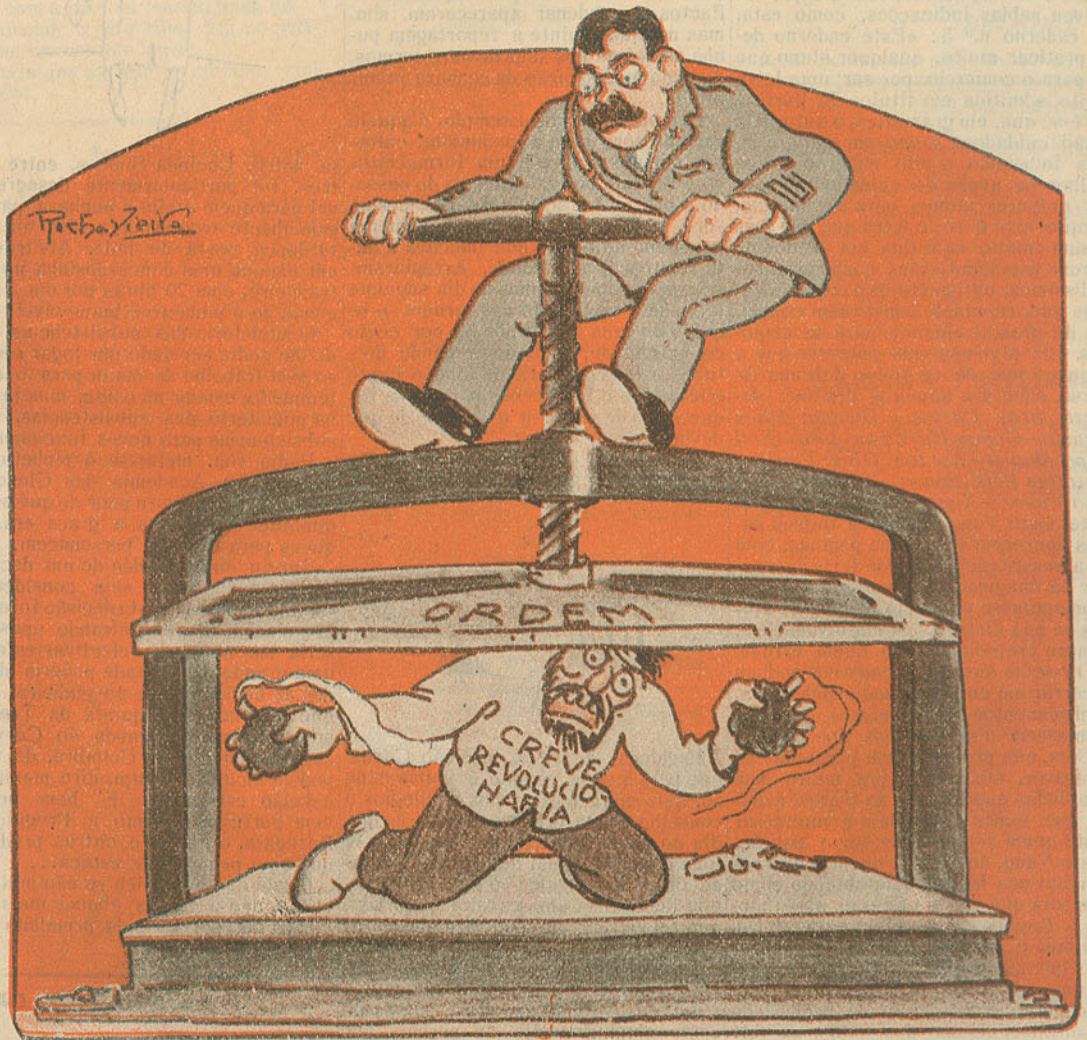
Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limitada



Redação. Administração e Oficinas — Rua do Século, 43—Lisboa



APERTANDO



O diabo é se ela «estoura»...



PALESTRA AMENA

Livros infantís

Já aqui tratámos, com a competência que todos nos reconhecem e que nunca é de mais apregoar, porquanto ninguém com mais conhecimento de causa pode gabar a noiva do que o pai que a viu crescer, já aqui tratámos, dizíamos, de livros adoptados nas escolas primarias officiais ou particulares, para guiar as crianças nos seus primeiros passos. Hoje, um sobrinheiro nosso, de 7 anos, appareceu-nos com uns poucos de cadernos debaixo do braço, todo satisfeito, porque ia, finalmente, aprender a «fazer letra bonita», no dizer do professor que os mandára comprar.

Eram sete, os cadernos, para cursivo, cursivinho, bastardinho, etc., e em todos o autor, na respectiva capa, escreveu sabias indicações, como esta, no caderno n.º 5: «Este caderno deve praticar muito, qualquer aluno que vá para o commercio por ser uma letra muito admitida em titulos de livros.»

Vê-se que, em gramatica, o autor não é tão cuidadoso como em caligrafia, mas folheando o dito caderno é que melhor se avalia do cuidado que teve em preparar alunos para o commercio, porque não é só a letra que ele lhes ensina «muito admitida em titulos de livros» mas incute-lhes conhecimentos utilísimos, obrigando-os a copiar palavras que, reunidas, constituem conceitos de grande alcance para as crianças. Eis algumas das palavras que o pequeno tem de escrever dezenas de vezes, além dos numeros digitos: *Alberto Braz Carlos—Damão Elias Fausto—Gomes Haro Isaac José—Kiel Lapa Moura—Norton Oliva Paulo—Quintino Reis Sousa—Torrezado Ursino Victor—Xisto Yang Zagalo*, etc. Este Xisto Yang Zagalo e outros nomes apparecem em varias paginas, com uma persistencia que nos feria desconfiar da imaginação do caligrafo, se não representasse o desejo de que os alunos se não distraíssem em divagações, sempre prejudiciaes em quem estuda.

Dir-se-ha que esses cadernos podiam encerrar em cursivo, bastardinho, etc., conhecimentos rudimentares que alimentassem a curiosidade dos pequerruchos, que provocassem perguntas ao professor, etc., mas, por muito bem escolhidas que fossem as frases, é claro que nunca chegariam a interessar tanto quem as copiasse como aqueles Xisto Yang, ácerca de quem o dito sobrinheiro nos interrogou, obtendo como resposta que não se fizesse abelhudo.

... Depois de escritas estas linhas abrimos o caderno n.º 6 e reconhecemos que não tivemos inteiramente razão nas observações que aí ficam. Este caderno é composto de proverbios ou anexins, alguns dos quais, na verdade, muito convem que as crianças fixem: abre com o *Quem o alheiro veste na praça o despe e fecha com o Gato escaldado d'agua fria tem medo*.

Já aqui não está quem falou.—J. N.

Ora... botas!

Causou enorme sensação e intensissima alegria a nova de que o Porto iria enviar-nos 50:000 pares de botas ao preço de oito escudos cada par e causou, em seguida, tristeza não menor a noticia de que as referidas botas... são de lona.

Agora anunciam-se fatos a vinte escudos, mas para cá não pegam: se calhar são de papel mata-borrão!

Factos diversos

Respigámos o noticiário dos últimos dias, para ver se tínhamos alguma coisa a censurar, isto que é esse um dos lados simpáticos da nossa missão, mas reconhecemos que a semana decorreu amena, sem razão para sobresaltos. Factos a condenar appareceram, sim, mas no dia seguinte a reportagem punha as coisas nos seus devidos termos, de onde a sem-razão da censura precipitada.

Lembra-nos, por exemplo, d'aquelle caso do sóro para a meningite, entre que por um medico a um farmacéutico e vendido por este, depois de passado o praso da actividade do mesmo sóro, com o cuidado de se colar um papelinho ao rotulo que indicava a data relativa á actividade, Arrepiaram-se-nos os cabelos—mas no dia seguinte lá vinha a expicação nos jornais: o liquido de cada tubo tinha 50 por cento de actividade, logo empregando dois tubos a injeccão seria de todo o ponto eficaz; não o foi apenas porque se esqueceram de prevenir o medico de que devia duplicar a dose.

Belo. Agora outra coisa que nos poz de cabelos em pé: uma mulhersinha de



Aldegalega, a sr.^a Conceição Canas, que pelo que se vê, não é d'uma cana só, quiz exercer estranhos sortilegios a conselho d'uma bruxa e para isso pediu ao coveiro da vila que lhe cedesse uma caveira. Afinal de contas, segun-se lia no dia seguida «o coveiro entregou-lhe apenas uma caveira quebrada, que foi buscar ao deposito das ossadas.»

Cessa todo o horror, desde que a caveira não era completa e que estava n'um deposito de ossadas, em vez de estar n'um deposito de cereais, por exemplo.

O que será bom, de futuro, é não dar as primeiras noticias com feito alarmante. E se se dessem as segundas antes das primeiras?

A arvore nacional

Em verso é devidamente cantado, n'outro lugar d'este luminoso semanario, o pinheiro da quinta da Tremoa, mas algumas palavras de prosa também não lhe ficam mal.

Em vista dos bons serviços prestados pela referida arvore, lembrou-se, primeiro, o governo de a condecorar com a ordem de S. Thiago, que está ultimamente muito em moda, mas como alguns dos agraciados se mostrassem susceptibilizados pela companhia



(a actriz Lucinda Simões, entre outros, foi particularmente desagradavel para quem assim a punha a par de semelhante aventesma) a idéa foi sem tardança posta de lado. Alvitrou-se em seguida uma comissãosinha no estrangeiro, com 20 libras por dia—mas como, se o pinheiro é inamovível?

O ministerio das subsistencias, onde lhe podia ser dado um logar rendoso sem trabalho de maior para o contemplado, estava na conta; mas já não ha ministerio das subsistencias, nem subsistencias para novos funcionarios.

Podia, sim, meter-se o pinheiro da Tremoa na Academia das Ciencias, onde não faria figura peor do que outro qualquer socio, mas a graça era pequena para tão alta personagem.

Surgiu, então, a idéa de um decreto determinando que seja considerado «arvore nacional». Esta decisão foi a que prevaleceu, não encontrando opposição séria em ninguém: effectivamente, só uma grande má vontade poderia duvidar da nacionalidade do pinheiro, pois que pertencendo a quinta da Tremoa ao concelho de Miranda do Corvo e este ao districto de Coimbra, de tudo podem alcanhar o supradito menos de cidadão estrangeiro. E' bem nosso, bem português, como a Preguiça, a Zazagata, o Paleio e outros productos que aqui pegaram de estaca...

Oxalá que a politica se não meta no caro e não o deitem abaixo mais dia menos dia, por ter sido premiado pelo Baptistinha.

AS JOIAS DA GABY

Avaliam-se as joias da celebre Gaby, ha dias inventariadas, em cinco e meio milhões de francos. Sabendo-se o modo como as ganhou, muito devia ter trabalhado a pobre menina!



Com as mãos na massa

Aí vai uma pequena historieta para meninos.

O Bibi, garotão dos seus doze anos, era insuportável e por mais que os pais o repreendessem não tinha emenda nenhuma. Ha dias, estando o pai, o Lopes, a engraxar as proprias botas—o pai do Bibi é pobre—de que se ha de lembrar o petulante? De ir buscar os sapatos novos e de dizer ao auctor dos seus dias:

—O' pail já que está com as mãos na massa, engraxe tambem os meus sapatos.

O homem obedeceu, calado. D'af a dias, como o irmão do Bibi, o Zeca, tivesse feito uma diabrura, o pai agarrou n'uma chibata e foi-lhe aos fungões. Ora n'essa occasião o Bibi ia a passar...

—E' verdade, disse o Lopes, já que estou com a mão na massa, anda cá.

E puxando-o pelo bíbe, deu no patife como em centeio verde.

E' para que saibam os meninos mal educados.

Novo almanaque de Gotha

Os jornais dão noticia do aparecimento da ultima edição do almanaque de Gotha e falam em curiosas modificações que n'ele se notam, em virtude das vicissitudes por que teem passado as familias reais. O que eles não dizem, porém — não sabemos por quê — é que a futura edição trará alterações ainda mais radicais, as quais começarão pelo proprio titulo, que será, em vez de *Almanaque de Gotha*, *Almanaque de bota*

Os seus organisadores estão reco-



lhendo os dados necessarios, para o registo das modernas aristocracias. Algumas genealogias, ao acaso: Zé Chumeco Tação Sola Biqueira Contra-forte, filho de Manel Tripeça Tirapé Coiro da Russia, neto de Jaquim Atanado Vaqueta; Antoino Trolha Cal e Areia da Brocha, filho de João Parede Reboco Ripa Adobo Argamassa, neto de Jerolmo Tijolo Caco Telha; Zefa Sabão Cloreto Barrela, filha de Braz Espuma Navalha Escama Rapa Queixos, neto de Francisco Vassoura Lixo Carroça, escrivão da Pena Grande, etc., etc.

— E' a aristocracia do trabalho, diz-

EM FOCO

O pinheiro da quinta da Tremoa



*Ei-lo, de copa farta, ao longe erecto,
De base que um gigante não abraça,
O mais velho, talvez, da sua raça,
Agora feito heroi por um decreto.*

*Mas não pare⁽¹⁾ o governo circumspecto,
Não limite ao pinheiro a sua graça;
Já que está com as mãos, enfim, na massa,
Leve ainda mais longe o seu affecto.*

*Não haverá beleza de hortaliça
Crédora d'essas mesmas regalias,
Que deva ser tambem agraciada?*

*Se o governo quizer fazer justiça
Verá que ha muito par de melancias
Que merece a gran-cruz da Torre e Espada!*

BELMIRO.

(¹) Do verbo parar. Não haja confusões.

nos aqui ao lado um colega, em ar de censura.

Pois é claro que é e, como tal, respeitabilissima, emquanto os Chumecos, Vaquetas, Brochas, Argamassas, Telhas, Barrelas, Rapa Queixos e Carroças se não julga-se superiores aos Saxe-Coburgo Gotha, etc. e tal.

Uma falha

Um jornal francês publica a seguinte tabela dos preços da *claque* n'um teatro de Paris, no principio do seculo passado:

Aplausos á entrada d'um actor — 25 francos;
d'uma actriz — 15 francos;
pedidos de *bis* — 15 francos. Entusiasmo excepcional — preços convencionais.

Em Lisboa tudo isto é mais barato, mas ha uma coisa que não figura na tabela parisiense e que custa aqui um dinheirão: a pateada n'um teatro rival. Na pouca vergonha estamos muito mais adeantados do que os francezes.

No estrangeiro

Não é o *Seculo Comico* a unica publicação periodica engraçada, em lingua portugueza: temos á vista o nosso illustre colega do Rio de Janeiro, *D. Quixote*, do qual, com a devida venia, transcrevemos as seguintes *plaudas*.

«De regresso para Lisboa embarcaram-hadias os conhecidos pintores portuguezes Carlos e João dos Reis, que aqui vieram buscar numerosas pessoas de familia.

«Com os dois illustres viajantes seguiram para Portugal muitos mil *Reis*, nascidos e criados no Brazil.

«Na matriz da Gloria entram mr. e

mad.^{me} Corrêa Baptista, para baptisar uma filha.

— O nome? indaga monsenhor Gonzaga.

— Ana, respondem os pais.

E assim foi baptisada no Rio a primeira anabaptista...

«Pensamento pro-fundo:

O sol é um ankylostomo de fogo
Perfurando o intestino do infinito!

Ricardo Pangloss

Interrogado ha pouco por um reporter, o sr. ministro da Agricultura, dr. João Ricardo, sobre o estado financeiro do paiz, respondeu que não podia ser mais desafogado...

Dias depois outro reporter quiz saber a impressão de sua ex.^a acerca do novo regimen do pão e o dito dr. Pangloss declarou:

— O pão de segunda qualidade tem agradado... E' saboroso e tem bom



aspecto... Ha sitios onde é de melhor fabrico e outros onde se nota menos cuidado, mas isso sempre houve... Quanto ao peso tem sido mais ou menos respeitado...

Informa-nos pessoa competente que este sr. doutor nasceu no Alestejo, mas que em pequeniño foi viver para a lua, onde o foram agora buscar para tomar conta da pasta da agricultura.

O indulto



Formula habitual de agradecimentos.